



O PRINCÍPIO DA CAUSAÇÃO POR AGENTE EM THOMAS REID: EM DEFESA A TEORIAS LIBERTARISTAS

Gabriela Roth, Roberto Hofmeister Pich (orientador)

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS.

Resumo

Em filosofia, o problema da liberdade torna-se cada vez mais relevante quando a colocamos como tópico central nas discussões contemporâneas. O problema do livre arbítrio é a fonte principal de investigação, a qual se divide em grandes discussões as quais participam do diálogo contemporâneo. Porém, como então podemos caracterizar seus problemas e sua importância? Logo, percebemos que o problema do livre-arbítrio surge quando a perspectiva sócio-cultural pode influenciar o comportamento humano. Do ponto de vista pessoal ou prático, vemos a nós mesmos como agentes livres capazes de influenciar o mundo de diversas maneiras. Entretanto, como podemos saber realmente se estamos agindo por vontade própria ou se somos determinados pelos meios culturais?

Para o filósofo escocês chamado Thomas Reid, é através de nosso poder ‘ativo’ humano que podemos realizar ações, o qual haveria a possibilidade de haver o livre-arbítrio. A descrição da vontade pode ser vista como ponto fundamental quando falamos em defesa a teoria libertarista. Segundo ele, para agirmos temos que supor um poder ativo dentro de nós para então relacioná-la à vontade. O poder ativo seria, portanto, uma qualidade dos seres humanos. Reid acredita que não há uma única definição de poder, mas sim qualificações as quais o poder estaria envolvido. Logo, a vontade faria o papel de determinar o poder ativo através de nossa racionalidade. É a partir disso que Reid conclui que não podemos ser determinados.

A partir do entendimento da discussão, podemos notar que o seu aprofundamento deve ser observado em grandes perspectivas pelos filósofos da época e, conseqüentemente, em nossos dias atuais. Segundo William Rowe, se existe liberdade, então o agente, em um sentido

relevante, possui controle ou uma determinada decisão sobre suas ações. A questão está no princípio de *como* o agente pode escolher e qual seria essa origem de escolha. Logo, vemos que a relevância dependerá das possíveis perspectivas em nosso cotidiano.